



UM SILÊNCIO NOS QUINTAIS DAS ESCOLAS PÚBLICAS: VOZES NEGRAS SERÃO OUVIDAS POR MEIO DA ARTE AFRO-BRASILEIRA.

Flávia Corrêa Vieira Diniz¹
Instituto Federal de Goiás-GO
Nayara Monteles²
Instituto Federal de Goiás-GO

Esta é uma pesquisa em desenvolvimento que tem como propósito favorecer uma educação antirracista por meio do ensino da arte afro-brasileira. O objetivo é realizar um trabalho formativo que inclua a relação teoria e prática a partir da lei 11645/08 ao trazê-la para o “quintal” escolar, com intuito de tentar promover mudanças de pensamento acerca do racismo e a partir da valorização da arte afro-brasileira. São discutidas e criadas obras a partir do estudo de artistas negros, bem como suas respectivas obras. As ações formativas envolvem atividades sobre o autoconhecimento e respeito às diferenças fenotípicas, por meio de oficinas que, atualmente, acontecem na Escola Municipal Izabel Esp. Jorge em Goiânia, com alunos das séries iniciais. O “artestigo” é uma abordagem metodológica, desenvolvida a partir da pesquisa-ação.

PALAVRAS-CHAVE

Arte afro-brasileira, educação antirracista, ensino de arte, lei11645/2008.

1. Pesquisa em andamento formato em artestigo:

Ao ler bell hooks me vejo um pouco nela, não com o lugar de fala de uma professora e escritora negra, mas como uma recente pesquisadora e docente que já percorreu diversos lugares e que reconhece a luta contra o racismo como uma pauta importante. Esse material, denominado de artestigo, foi desenvolvido em 3 partes, ou 3 “artes”. Na 1ª arte falo sobre a importância da lei 11645/08, tento contextualizar lugares e sujeitos, apoiando-me nas palavras de hooks (2022). Na 2ª arte discorro sobre racismo e grupos étnicos utilizo como referência para reflexão as falas do autor Tadeu (2014), reflito sobre autoconhecimento e o entendimento sobre as diferenças:

¹ Mestranda em arte no Programa do Instituto Federal de Goiás (IFG). Bacharela e licenciada em Artes Visuais na Faculdade de Artes Visuais pela Universidade Federal de Goiás, pós -graduada em patrimônio, direitos culturais e cidadania pela mesma Universidade. Especialização em História da África e africanidades pela Faculdade Claretiano. Professora efetiva de Artes Visuais na Escola Municipal Izabel Esperidião Jorge situada na Av. São Luiz nº499 Bairro Alto da Glória, Goiânia-Go CEP 74815-755 e-mail fcvdiniz@gmail.com orcid <https://orcid.org/0009-0004-0617-6581> CV: <https://lattes.cnpq.br/9273772706266468>.

² Nayara Joyse da Silva Monteles é Doutora em Performances Culturais e Mestra em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás. Licenciada em Educação Artística, habilitação Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão. Professores Efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG) Rua Formosa Q.28 e 29 Loteamento Santana Uruaçu-GO-76400-000 e-mail nayara.monteles@ifg.edu.com orcid <https://orcid.gov/0000-0002-7974-4269> CV: <http://lattes.cnpq.br/5682268854358613>



Como sou? O que eu poderia ser? Já autoras como Loponte(2005) e Santos (2018) orientam-me na questão do ensino de arte e a pensar questões relacionadas a hegemonia branca, ancestralidade e o legado da cultura negra. Na 3ª arte, relato sobre as oficinas de arte com os erês.

a) Arte1: lei 11645/08 , o racismo e a ancestralidade

A lei nº 11645/2008 diz: “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (BRASIL, 2008)

O racismo no Brasil é um discurso que atravessa as relações de poder. A partir das práticas racistas, existentes, percebo o impacto dos privilégios, o qual colabora para a marginalização e subalternização das pessoas negras. Nesse sentido, o racismo é uma violência contra a humanidade do outro.

Conforme diz o autor Sant’ana (2005):

O racismo não surgiu de uma hora para outra. Ele é fruto de um longo processo de amadurecimento, objetivando usar a mão-de-obra barata através da exploração dos povos colonizados. Exploração que gerava riqueza e poder, sem nenhum custo-extra para o branco colonizador e opressor. (SANT’ANA apud MUNANGA 2005, p.42)

Para hooks o racismo não muda de um lugar para o outro , sempre irá acontecer, mas será que é possível o povo negro ter sua importância validada já que a supremacia branca patriarcal enterrou todo o legado dos povos escravizados através de falácias contadas ao longo da história? bell hooks e Ângela Davis, são autoras que percorrem um discurso antirracista por meio de uma escrita que evidencia o pertencimento de lugar, classe, raça e gênero.

Mírian Cristina dos Santos (2018), nos dá exemplos sobre a ancestralidade por meio do romance de Bará, nessa narrativa a jovem relembra histórias atravessadas pela sua ancestralidade negra, baseada em diversas gerações que compactuam umas com as outras na missão de resguardar as suas tradições familiares. Ainda a falar sobre a Ancestralidade, que quer dizer o legado de antepassados e esse legado tem caráter formativo. bell hooks (2022) desse modo, ensina que um povo sem ancestralidade é como uma árvore sem as raízes. Além disso, explica que transgredir as amarras do colonialismo, racismo, sexismo e imperialismo é o caminho da educação.

b) Arte 2 - Relações étnico-raciais e ensino de arte

Pensando no ensino de Artes Visuais voltado para as relações étnico-raciais, eu me questiono: Será possível o ensino de Arte promover uma educação antirracista por meio da arte afro-brasileira e pelo estudo das diferenças étnico-raciais em sala de aula, ou melhor dizendo em quintal escolar?



Para Tomáz Tadeu Silva “ A identidade é marcada pela diferença. Mas parece que algumas diferenças - neste caso entre grupos étnicos - são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares.”(SILVA, 2014, pág.11). Ainda, segundo Silva (2014):

[...] representação compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou? O que eu poderia ser? Quem quero ser? (SILVA (2014, p.18)

Estas questões, levantadas no quintal escolar, tem como perspectiva provocar os alunos para que se auto conheçam. A partir das respostas sobre o seu corpo físico, sua representatividade, bem como sobre a auto representação, os mesmos passam a se observar e se perceber como sujeitos a partir do que carregam consigo: sua identidade e singularidades culturais.

Destaco que aulas como estas são desenvolvidas uma vez por semana e tem duração de uma hora. Esses alunos , a medida que dialogamos, aprendendo sobre: a lei 11645/08, as biografias de obras dos artistas negros locais de fala como Dalton de Paula,Decy Grafitte.

Estão em processo de produção, a partir da experiência artística, pelos alunos, (os erês) imagens baseadas em diferenças fenotípicas com intuito de estimular o conhecimento voltado para as relações étnico-raciais. As técnicas utilizadas nos encontros de Artes Visuais são: aquarela, ilustrações realizadas por mim em nanquim e com os alunos que queiram aprender um pouco mais sobre.

Poderíamos perguntar aqui, afinal, qual o papel das artes visuais na vida contemporânea? Para a maioria das pessoas, esse tipo de arte é vista como uma prática destinada a poucos ‘eleitos’. Associa-se arte à grande arte consagrada em museus, galerias, livros caros de reproduções. Alguns ‘iluminados’ por centelhas de gênio a produzem para um público seleto que pode compreender. Por outro lado, a produção artística é considerada um hobby para o deleite individual, ou uma distinção social. Saber arte nos coloca na posição daqueles que pertencem à ‘alta cultura’. (LOPONTE, pág.285)

c) Arte 3 - Oficina de arte no quintal escolar:

A Escola Municipal Izabel Esperidião Jorge, a qual trabalho há 15 anos, localiza-se no Bairro Alto da Glória, Goiânia-Go. Foram escolhidas por mim, as turmas do período matutino, as séries iniciais, mais precisamente as turmas do 4º ano B do ensino fundamental e a turma do 5º ano A. Ao observar as turmas durante algumas aulas com a professoras regente, notei que a maioria eram pardos e brancos, com alguns poucos alunos negros.

A turma do 4º ano B têm 20 alunos e a turma do 5º ano A têm 26 alunos. Entreguei o TCLE(Termo de Consentimento Livre Esclarecido) para os pais em reunião, somente



50% dos alunos levaram a autorização. Iniciei então as oficinas de arte no dia 26/04 com uma aula para cada turma de 50 min.

AULA 1: Autorretrato.

As perguntas foram: Como sou? Características físicas. Expliquei aos alunos o que era um autorretrato e os artistas que mais se autorretraram como Frida Kahlo e Rembrandt. Expliquei também a lei da proporcionalidade do corpo humano de Leonardo da Vinci. Dei exemplos de como eu mesma era fisicamente

Por sermos um país miscigenado, os alunos ao se auto desenharem com suas características físicas, me perguntaram sobre as cores de suas peles, ficaram em dúvida se eram morenos, pardos ou brancos, confesso que até eu mesma fiquei em dúvida sobre a fenotipia de alguns alunos. Segue o desenho de autorretrato de uma das alunas:



Imagem 1. autorretrato 2024, Digital, 10 X 7cm

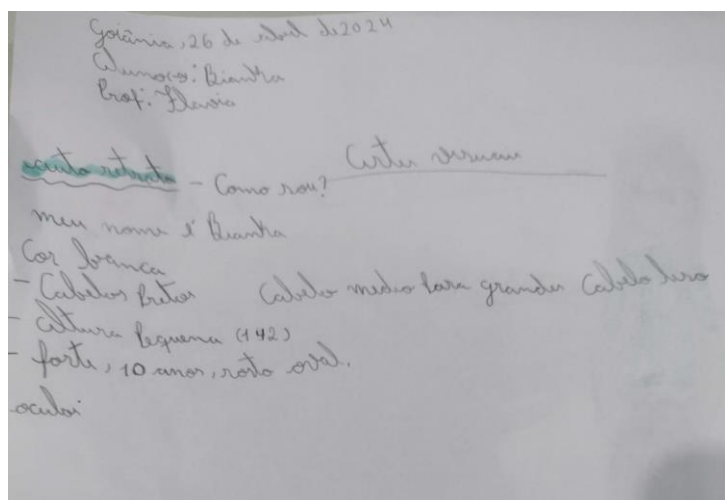


Imagem 2. autorretrato 2024, Digital, 10 X 7cm

Aula 2: Desenho das mãos

O local da segunda aula da oficina foi, literalmente, do lado de fora da sala de aula. Expliquei aos alunos que uma das primeiras manifestações do ser humano pré-histórico foi o desenho da mão em negativo nas paredes das cavernas, os quais pousavam a mão sob a parede e soprava com um canudo um pó de carvão em pó, obtendo como resultado o contorno da mão em negativo.

Os alunos apoiaram suas mão sob a folha, a desenharam, escreveram o nome deles e expuseram as qualidades e defeitos deles como pessoa, dentro do desenho da mão alguns não quiseram colocar essas características pessoais.



Imagem 3, Desenho da mão 2024, Digital, 7x7cm



Imagem 4. Oficina de arte 2024, Digital, 7x7cm.

2. Considerações :

Percebo que estou na metade do caminho da pesquisa e acredito que a mudança de pensamento não acontece de um dia para o outro. Os professores, de um modo geral, querem e podem diminuir a exclusão e o silenciamento das culturas menos favorecidas, sejam elas as culturas de pobres, de mulheres, de pessoas homossexuais, de juvenis, do povo trabalhador e a cultura dos negros. “palavras como poder, desigualdade, justiça, luta, direitos não se convertam num vocabulário academicista, referido a contextos históricos e espaciais distantes, longe da vida cotidiana de nossa comunidade.”(Santomé 2013, p.171)

Pretendo trazer uma mudança de pensamento, em relação à escuta mais tolerante e sensível aos nossos ancestrais, por meio da Arte Afro-brasileira, o conhecimento, o fazer artístico e a divulgação de uma educação antirracista.

Este é um barulho que devemos causar por meio do ensino de arte e da insurgente classe dos professores que lutam por um mundo mais justo e mais tolerante, para que todos e todas possam respeitar as diferenças e enxergar um jardim multicolorido que há atrás dos muros das escolas públicas do nosso país.

Referências

hooks, bell. **Pertencimento uma cultura do lugar:** São Paulo-SP, editora Elefante, 2022.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir- a educação como prática da liberdade.** São Paulo-SP, Ed.WMF, 2017.

LOPONTE, Luciana Cultura visual, gênero, educação e arte - **Gênero, visualidades e arte:**



temas contemporâneos para educação UFRGS-Porto Alegre-RS,2005.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola** organizador. – [Brasília]: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOMÉ, Furjo Tomé. Culturas negadas e silenciadas *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da(org.). **Alienígenas na sala de aula**:Petrópolis-RJ, editora vozes, 2013. p. 155-170.

SANTOS, Mírian Cristina. **Intelectuais negras: Prosa Negro-Brasileira contemporânea** Rio de Janeiro -RJ, Malé, 2018.

SILVA, Tomaz da Silva. **Identidade e diferença-A perspectiva dos estudos culturais** (org.) Petrópolis-RJ,Editora Vozes -2014.